

## “Cada vez mais mulheres com cancro da mama tem melhores resultados”

ANDREÍNA FERREIRA  
aferreira@dnoticias.pt

A médica Marília Gonçalves, a enfermeira Márcia Alves, o tatuador Nelson Caires e a psicóloga Luísa Santos são os quatro oradores que vão participar hoje no debate sobre o cancro da mama, uma iniciativa do Movimento Democrático de Mulheres.

Um tema que a radiologista considera muito importante para sensibilizar para a doença, até porque com um diagnóstico precoce cada vez mais mulheres com cancro da mama têm tido melhores resultados.

O Movimento Democrático de Mulheres vai debater hoje o cancro da mama. Considera que estes movimentos continuam a ter um papel importante na sensibilização da doença? Todas as formas de fornecer informação científica e credível à população são bem-vindas.

As madeirenses estão mais conscientes da doença ou só lidam quan-

do acontece um caso na família? O cancro da mama é frequente. Cada vez mais as mulheres estão sensibilizadas para o diagnóstico precoce. Com os avanços diagnósticos e terapêuticos, cada vez mais mulheres (e também alguns homens) com cancro da mama têm melhores resultados. Todos conhecemos casos de alguém que tem ou teve cancro da mama. Todo este conhecimento leva a que as mulheres façam as suas rotinas mamárias, habitualmente com algum receio basal que ‘afinal não esteja tudo bem’. Por outro lado, da minha experiência e sensibilidade, as senhoras com antecedentes familiares de cancro da mama, na generalidade, sentem um medo diferente. É como se cada vez que fizessem um exame de rotina com resultado normal ou benigno ganhassem mais um fôlego até à próxima vigilância.

Pode dizer-se que este é um dos cancros cujo tratamento teve uma maior evolução nos últimos anos? O

que é que ainda falta fazer? Todas as áreas da medicina têm apresentado progressos e o tratamento do cancro da mama não é excepção. A evolução na diferenciação de subtipos de cancro da mama resulta em terapêuticas medicamentosas mais específicas e como tal, com melhores resultados. É por isso que nem todas as senhoras com cancro da mama são tratadas da mesma maneira. Temos vindo a melhorar progressivamente, mas há sempre coisas a aperfeiçoar. Faz parte da natureza humana. Posso dar alguns exemplos: melhorar os intervalos de exames, a sensibilização da população para os sinais de risco, os equipamentos, os tempos de resposta e aumentar recursos humanos diferenciados nas diferentes áreas.

A Madeira tem dado uma boa resposta neste sentido? Tem havido melhoria na resposta, quer diagnóstica, quer terapêutica, às pessoas com cancro da mama. E a principal prova disso é que, actualmente, a maioria dos doentes são tratados na região.

No que toca à parte emocional, considera que além do apoio da família também é importante acompanhamento psicológico durante todo o processo da doença? As pessoas não são todas iguais. Por exemplo, várias senhoras podem ter diagnóstico de cancro da mama ao mesmo tempo e ter tratamentos médicos diferentes. Da mesma forma, também podem ter abordagens extramédicas diferentes. Umhas senhoras podem querer continuar a trabalhar, outras não o conseguir; umas precisar de mais apoio social (por exemplo, podem ser cuidadoras e adiar o seu diagnóstico e tratamento para cuidar do outro), outras podem precisar de apoio psicológico. O que é importante é perceber o que é preciso para cada uma em particular. Só assim se pode ajudar. Idealmente todas as ferramentas e apoios devem estar disponíveis para todos para serem usados por quem precisa, onde se inclui o apoio psicológico.

Tem havido melhoria na resposta, quer diagnóstica, quer terapêutica, às pessoas com cancro da mama



Marília Gonçalves,  
radiologista